



CMP J. 2. J. 63

O professor Virgílio Pinto, que discute a importância do diploma como requisito para o exercício profissional

Professor da USP diz que diploma não garante competência profissional

Da Reportagem Local

O prestígio social conferido por um diploma mantém os altos níveis de interesse da sociedade brasileira em conquistá-lo, mesmo que ele não signifique garantia de competência profissional. O desejo de prestígio é explorado pelas inúmeras instituições de ensino superior que não estão comprometidas com a qualidade da formação profissional. Essas instituições credenciam a cada ano levas de diplomados que conquistarão lugar no mercado de trabalho desde que tenham boas relações familiares ou políticas, mantendo assim a tradição

de clientelismo da cultura brasileira. A avaliação é do professor Virgílio Noya Pinto, 59, chefe do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

A valorização do diploma superior, como caminho de ascensão social e profissional, não é exclusividade da sociedade brasileira. Apesar de a tradição universitária ter origem no Ocidente, também nos países asiáticos, como é o caso do Japão, existe forte pressão social para que os jovens ingressem nas universidades e se credenciem para o trabalho especializado

através do diploma. "A diferença é que no Japão, as universidades são qualificadas e o mercado de trabalho é responsável. Ninguém contrata um recém-formado para um função graduada, seja ele parente de quem for", explica Noya Pinto.

A universidade brasileira poderia continuar credenciando os profissionais desde que superasse os impasses com os quais se debate há décadas, segundo o professor. Ele explica que uma de suas causas é a supremacia das multinacionais no Brasil, que não investem nas universidades porque realizam suas pesquisas nos países de origem.